

GO FOR BROKE: NIPO-AMERICANOS NA II GUERRA MUNDIAL

Leandro Ortolan dos Anjos¹

Palavras-Chave: II Guerra Mundial, Forças Armadas, Nissei, Japão.

Às vésperas da II Guerra, os japoneses compunham o maior grupo étnico no Havaí, somando cerca de 130 mil pessoas, 35% da população. Deste total, a maior parte dos americanos de origem japonesa pertencia à segunda geração de imigrantes (nissei) em grande parte filhos de trabalhadores rurais do Havaí ou dos school-boys, japoneses que haviam se mudado para os EUA no final dos anos 1890 para estudar nas Universidades da Costa Oeste. Boa parte da primeira geração de imigrantes, os issei, emigrara como dekasegi, trabalhadores temporários que planejavam voltar ao Japão depois de trabalharem nas plantações havaianas. Apesar da Quarta Emenda da constituição dos Estados Unidos garantir cidadania americana à todos os nissei, nascidos no solo americano, o Japão era um dos países enquadrados no Immigration Act de 1924, o que tornava os imigrantes da primeira geração inelegíveis para a naturalização. Os nissei, em sua maioria, estavam integrados ao estilo de vida americano, e não tinham intenção de retornar ao Japão. O contato com a cultura japonesa se dava, em sua maior parte, através do relacionamento com os pais e avós, das escolas de língua japonesa e da religião budista. A adoção do modo de vida ocidental tornava-se também motivo para choques entre ambas gerações, já que, inevitavelmente, os pais davam mais valor aos costumes ancestrais do que os filhos. O atrito político entre os Estados Unidos e o Japão era um dos catalizadores da busca pelo enquadramento na sociedade ocidental. Os nissei passavam a sentir vergonha até mesmo de comer pratos tradicionais, como o omusubi - bolinho de arroz - para que não os chamassem de japoneses. Segundo Benjamin Giguère (2010), não é nec-

¹ Graduação em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisa de iniciação científica em História das Relações Internacionais sob orientação do Prof. Dr. Gabriel Passetti.

essariamente problemático que se apresentem duas identidades culturais distintas - a japonesa e a americana - e essa uma característica comum a filhos de imigrantes, que tem a capacidade de alternar entre estas identidades, para se encaixarem no contexto social necessário, evitando o conflito. Em alguns casos, no entanto, quando a identidade ancestral entra em choque com a presente, é necessário que se escolha entre uma delas. Neste caso, a identidade japonesa passara a ser associada à de inimigo dos Estados Unidos.

O ataque surpresa à Pearl Harbor, base naval americana em Oahu, pela força aérea japonesa no alvorecer do dia 7 de Dezembro de 1941 marca a entrada dos EUA na II Guerra e a radicalização das hostilidades contra japoneses. Segundo dados da marinha americana, foram mais de 2 mil mortos e feridos e pelo menos mil e cem feridos. Em comparação, 55 soldados das Forças Armadas do Império Japonês morreram no ataque. Na manhã do dia 8, o Congresso atendeu à solicitação do presidente Franklin D. Roosevelt e declarou guerra ao Japão.

Os nissei relatam que sentiam, nesse momento, um misto de choque e apreensão:

“A princípio eu estava com raiva. Depois eu fiquei envergonhado pela vinda dos Japoneses. E meus pais, você podia ver que eles estavam tão tristes, tão humilhados por seus ancestrais que vieram atacar o Havaí.” Ronald Oba – F Company 442nd RTC

Para a maior parte dos japoneses do Havaí, no entanto, Pearl Harbor não foi uma surpresa completa. As relações diplomáticas entre Japão e Estados Unidos haviam sido rompidas, e anúncios graduais de hostilidades entre os dois países tinham sido enunciados, como o embargo de metais e petróleo, estabelecidos após a invasão japonesa à Indochina. Os nissei que visitavam o Japão dias antes do ataque receberam um aviso de que os últimos barcos saindo do país para os Estados Unidos partiriam no final de Novembro.

“Minha [futura] esposa, Laura Iida, estava visitando o Japão quando vieram as ordens para que todos os cidadãos americanos que estivessem no Japão deveriam pegar o navio nos dias 28 ou 29 de Novembro se quisessem deixar o Japão, porque o governo americano não seria responsável se algo acontecesse entre os dois países.”

Katsugo Miho

A entrada na guerra acentuou as hostilidades anti-Japonesas nos Estados Unidos. Raymond Nosaka, que apenas alguns meses antes havia se alistado à Guarda Territorial do Havaí, afirma que os soldados americanos declaravam abertamente estarem prontos para atirar nos militares nissei, pois estavam certos de que eles desertariam ou fugiriam caso os japoneses invadissem a costa. O primeiro POW (Prisoner of War) foi um soldado nissei, colega de Nosaka, preso por sair de seu posto para pedir cigarros. O termo pejorativo “Jap” passou a ser usado para se referir a qualquer pessoa de ascendência japonesa, aparecendo na propaganda de guerra e em revistas. (Anexos 1 e 2) Miho relata ainda que FBI deu início a uma operação de contra-sabotagem, investigando exaustivamente toda a comunidade japonesa no Havaí, mas nenhum caso de sabotagem ou de deserção foi confirmado. Mesmo assim, professores e líderes religiosos e quaisquer pessoas que haviam tido ligação com o consulado japonês foram postos em observação. Foram presos 345 issei e 22 nissei nos primeiros dois dias após o ataque. Pessoas com parentes no Japão foram interrogadas, e também postas em observação. Um mês depois do ataque, em Janeiro de 1942, os nissei alistados foram classificados como 4-C (estrangeiros inimigos) e removidos do serviço militar. “Nós fomos atingidos pela dolorosa realidade de que nós, nipo-americanos, estávamos sendo rejeitados e desonrados por nosso próprio país, só porque carregávamos o rosto do inimigo. Nunca nos ocorreu que nossa lealdade como americanos seria duvidada ou contestada. (...) Nossas emoções afundaram em um abismo.” Ted Tsukiyama

Em Fevereiro de 1942, algumas semanas após a dispensa dos nissei, Roosevelt aprovou a Executive Order 9066, dando início ao confisco de bens e relocação e encarceramento em massa de japoneses e americanos com ascendência japonesa na costa Oeste. Cerca de 120.000 indivíduos foram detidos, dos quais dois terços eram cidadãos americanos. Estes eram levados aos internment camps: Prisões em locais remotos, com condições precárias. “Os quatro cantos do acampamento tinham postos com fuzis. Eu lembro vividamente, eles tinham um tipo de paliçada. Os muros tinham mais de dez metros, cobertos de arame farpado. Circulando o

acampamento, homens carregavam metralhadoras, e as apontavam para dentro.” Katsugo Miho

Não há registros de resistência ao encarceramento por parte dos japoneses. Devido à grande população japonesa, e distância da mainland, o Havaí tornou-se o único lugar no território dos Estados Unidos onde circulavam pessoas de ascendência japonesa.

Ainda em 1942, 1,432 nissei de dois batalhões de Infantaria havaianos (298th e 299th) foram escolhidos para formar um batalhão separado de infantaria, o 100th Infantry Battalion, sem vínculo com nenhum regimento. Os soldados foram enviados ao Norte da África e seguiram para a Itália, para combater o exército alemão. Entre os principais motivos para se alistar para o 100th e o 442nd, os nissei elencam principalmente um senso de lealdade e dever para com os Estados Unidos, bem como para demonstrar aos americanos que eles não mereciam o tratamento discriminatório que passaram a sofrer. Como jovens americanos, muitos afirmam que o alistamento era natural, e nem mesmo cogitaram deixar de se voluntariar.

“Se alistar era um bom modo de mostrar às pessoas que o chamavam de “Jap” que você era um americano. Pude servir no exército, porque eles nunca deixariam um japonês servir na Marinha” - Stanley Akita

O alistamento causou novos choques nas famílias japonesas, e apesar de os issei em geral acabarem se conformando com a participação dos filhos na guerra, não eram todos os que aprovavam completamente sua participação. Em um dos casos, a mãe de Teruo Himoto ameaçou suicidar-se caso o filho se voluntariasse. Posteriormente, Roosevelt autorizou a formação de um Regimento formado de descendentes de japoneses, excetuando-se os oficiais. No Havaí mais de 10 mil se inscreveram, dos quais 3 mil foram selecionados para formar o 442nd Regimental Combat Team. Até mesmo nos internment camps, muitos se inscreveram. Durante o treinamento em Camp Shelby, Mississippi, além das demonstrações de preconceito enfrentadas pelos japoneses com outros soldados, forma-se uma rivalidade entre os nissei havaianos (Buddhaheads) e os da mainland (Kotonks),

que por terem sido convocados pouco antes, ocupavam as funções de chefia. Os conflitos e relatórios de insubordinação levaram duas chamadas de atenção do Coronel Charles Pence. Alheios às condições em que os Kotonks e suas famílias viviam nos internment camps, os Buddhaheads achavam que eles haviam se beneficiado com tratamento preferencial. Para resolver este problema, organizam-se três visitas aos campos de Jerome e Rohwer, no Arkansas. O quadro encontrado pelos nissei os deixou horrorizados. Os detentos, no entanto, foram solidários aos soldados nissei, e lhes deram presentes e repartiram suas refeições com eles. Esse episódio marcou uma grande mudança nas relações entre os kotonks e os buddhaheads. A Campanha do 442nd na Europa teve início em Maio de 1944, em Nápoles e perto de Roma, reuniu-se com o 100th, que se tornou o primeiro batalhão do regimento. Com o contingente inicial de apenas 4 mil homens, o Regimento precisou receber mais de duas vezes este número em reforços: O 442 recebeu 9486 medalhas de Coração Púrpura, para mortos ou feridos em combate, além de mais de 500 Estrelas de Prata, 52 Cruzes de Serviços Distintos e 23 Medalhas de Honra do Congresso, a condecoração mais alta das Forças Armadas dos Estados Unidos. Em virtude das ações de heroísmo dos soldados nissei, o Regimento tornou-se o mais condecorado da história militar do país. Pelo grande número de perdas em combate, o 100th recebeu o nome de Purple Heart Battalion. Tragicamente, as medalhas póstumas eram entregues para os parentes ainda em confinamento. Apesar de tomar a frente nas batalhas, o Regimento não tomava igual parte nas vitórias: Tendo aberto o caminho até Roma, o 100th recebeu a ordem de aguardar às portas da cidade para que a primeira unidade a entrar na cidade fosse de caucasianos. O maior feito do Regimento foi o resgate de 211 homens do Lost Battalion, o 1º Batalhão do 141º Regimento de Infantaria, do Texas, nas florestas de pinheiros das Montanhas Vosges, na França. Após uma manobra incompleta, o Batalhão foi cercado por tropas alemãs, e o 442nd foi apontado para o seu resgate, mesmo com soldados cansados da batalha anterior, em Biffontaine. O Regimento nissei teve 161 baixas, além de 2 mil soldados feridos. Ao retornarem para os Estados Unidos, os soldados continuaram a receber tratamento hos-

til e sentimento anti-japonês por parte da população americana. Esse sentimento só foi aliviado após a aproximação do governo americano com o Japão no pós-guerra, com os planos de reconstrução do Japão e com a imposição da Constituição que destituía os poderes do Imperador Hirohito. Em Junho de 2000, o Presidente Bill Clinton recomendou todos os sobreviventes nissei à medalha de ouro do Congresso Americano. No discurso ao Congresso, fez menção ao confinamento dos japoneses:

“Poucas vezes uma nação foi tão bem servida por pessoas que tratou de maneira tão nefasta” - Bill Clinton

Para a realização desta pesquisa, foram analisadas entrevistas com oito veteranos de guerra de ascendência japonesa, sendo cinco do 442nd Regimental Combat Team - Herbert Isonaga, Hichiro Matsumoto, Katsugo Miho, Ronald Oba e Whitey Yamamoto - e três do 100th Infantry Division - Stanley Akita, Takashi Kitaoka e Ray Nosaka. As entrevistas foram gravadas entre 2005 e 2007, pelo Centro de História Oral da Universidade do Havaí, em Manoa, e tem duração de aproximadamente 90 minutos cada, compondo parte do projeto “The Hawai’i Nissei Story”. É importante frisar que os relatos destes soldados não devem ser analisados sem que se leve em conta sua natureza de memória, tendo sofrido diversas revisões através dos anos, e as alterações que a interação com eventos posteriores inevitavelmente lhes causaram. Segundo Greele (1975), o próprio fato de suas histórias terem sido contadas repetidas vezes, por um grupo de pessoas que manteve contato, serve para influenciar uma padronização destes discursos. Ainda assim, a história dos soldados nissei lança uma nova perspectiva sobre os acontecimentos da II Guerra, a partir de uma visão singular: de jovens americanos, discriminados em seu próprio país por sua ascendência japonesa, e ainda assim dispostos a assumir a tarefa de lutar pelo país que os rejeitava, contra o país de seus ascendentes. Como apontam Perks e Thompson (1998), é inegável que muitos historiadores procuram afetar relações políticas e sociais através de seu trabalho. Até o Século XX, no entanto, pela dificuldade de se preservarem registros pessoais, locais ou não-oficiais, o grande dinamismo do registro da história militar foi o poder: a história foi moldada por ele, e para consolidar sua im-

agem no passado. A história oral serve, desta forma, para levantar novos questionamentos, confrontar paradigmas, e lançar uma visão diferente sobre a história. Estas entrevistas foram gravadas e expostas pela Universidade do Havaí com o objetivo não só de atrair a atenção dos Estados Unidos para a comunidade nipo-americana do Havaí, como também de gerar reconhecimento público às experiências coletivas destes homens. Questionados sobre os dias de hoje, os próprios nisei exaltam a liberdade conquistada pelas minorias. É importante que se preserve a memória destas experiências, para que elas nunca voltem a se repetir.

Referências Bibliográficas

GIGUÈRE, B., LALONDE, R., e LOU E., (2010) "Living at the Crossroads of Cultural Worlds: The Experience of Normative Conflicts by Second Generation Immigrant Youth". Social and Personality Psychology Compass, York University, York.

GREELE, Ronald J. (1975) "Movement Without Aim: Methodological and Theoretical Problems in Oral History." in "Envelopes of Sound" ed. Ronald J. Greele. Precedent Publishing Co., Chicago.

GREEN, T. H. "Martial Law in Hawaii: December 7, 1941 - April 4, 1943", Judge Advocate General's Corps. U.S. Army: The Library of Congress.

PERKS, R. e THOMSON, A. (1998). "The Oral History Reader". Routledge, London.

PIROSH, R. (1951). "Go For Broke!". Metro-Goldwyn-Meyer.

TAMASHIRO, S. Y. (2009) "The Hawaii Nisei Story: Creating a Living Digital Memory" Media in Transition Conference, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.

ROOSEVELT, F. D. (08/12/1941). "Day of Infamy". Records of the United States Senate, National Archives.

Fontes

AKITA, Stanley. (29/06/2007) 100th Infantry Battal-

ion. Honolulu, Oahu. University of Hawaii. [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/stanleyvideos.html>] ISONAGA, Herbert. (09/03/2005) 442nd RCT. Honolulu, Oahu. University of Hawaii [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/herbertvideos.html>]

KATSUGO, Miho. (11/01/2005) 552nd Field Artillery, 442nd RCT. Honolulu, Oahu. University of Hawaii. [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/katsugovideos.html>]

KITAOKA, Takashi. (11/03/2005) 100th Infantry Battalion. Honolulu, Oahu. University of Hawaii. [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/takashivideos.html>]

MATSUMOTO, Hichiro. (03/03/2005) 232nd Combat Engineer Company, 442nd RCT. Honolulu, Oahu. University of Hawaii. [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/hichirovideos.html>]

NOSAKA, Raymond Riyoso. (12/05/2005) 100th Infantry Battalion. Honolulu, Oahu. University of Hawaii. [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/rayvideos.html>]

OBA, Ronald Masami. (4/5/2007) F Company, 442nd RCT. Honolulu, Oahu. University of Hawaii. [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/ronaldvideos.html>]

YAMAMOTO, Shiroku "Whitey". (18/02/2005) Antitank Company, 442nd RCT. Honolulu, Oahu. University of Hawaii. [Disponível em: <http://nisei.hawaii.edu/object/whiteyvideos.html>]